

Projeto-piloto “Iniciação à Programação no 1.º Ciclo do Ensino Básico”

Em primeiro lugar, gostaríamos de salientar que a Associação Nacional de Professores de Informática (ANPRI) se congratula com esta iniciativa e que, na medida das nossas possibilidades, desenvolveremos todas as ações necessárias para o seu sucesso.

Após leitura e análise dos documentos relativos ao projeto-piloto “Iniciação à Programação no 1.º Ciclo do Ensino Básico” (Sumário executivo e linhas orientadoras para a formação de professores), elaboramos o presente parecer sobre alguns aspetos que nos parecem importantes para otimizar e melhorar esta iniciativa.

O “Sumário Executivo” cumpre a sua função informativa, pelo que a única situação a destacar é que não há “professores de TIC”, mas sim professores do grupo de recrutamento de Informática (550), alguns dos quais lecionam a disciplina de TIC, disciplina que segundo a Direção-Geral de Administração Escolar pertence ao referido grupo de recrutamento.

Registamos com agrado o facto de, durante a implementação deste projeto-piloto, estar previsto um processo de monitorização e avaliação, que será coordenado por uma entidade externa a designar pela Direção Geral de Educação.

No que concerne ao documento “linhas orientadoras para a formação de professores”, fazemos algumas sugestões, para que as situações a seguir identificadas sejam evitadas no referencial a publicar. Consideramos o referido documento, um ponto de partida legítimo, mas que carece de discussão técnica e pedagógica, cruzamento com outras fontes e perspetivas alternativas para depuração e amadurecimento.

Seguem alguns exemplos:

No ponto 2, o texto refere “Nas metas curriculares...” citando as metas de aprendizagem. Sendo que Metas Curriculares¹ são documentos homologados e em vigor e as Metas de Aprendizagem pertencem a outro projeto político, direcionado para as competências. De salientar que as competências foram revogadas por despacho do atual Ex.mo Senhor Ministro da Educação e Ciência, tendo sido substituídas pelas metas curriculares.

É frequente encontrarem-se plicas (‘) no lugar de aspas (“...”) o que torna a leitura um pouco estranha.

Na frase “No reino Unido ... passarão...”, o tempo verbal está no futuro, quando deveria constar “passaram”.

Deveriam evitar-se advérbios (obviamente, naturalmente entre outros) pois não estamos perante soluções únicas e nada pode ser dado como adquirido, uma vez que estamos no início de um percurso, logo tornam-se frases facilmente contestáveis e sem sólido fundamento.

Há no texto frases, conceitos e abordagens que são discutíveis. Os conceitos de “competências” e de “literacias” surgem misturados, o que torna o texto um pouco confuso. Recordamos que

¹ Disponível em <http://www.dge.mec.pt/metascurriculares/>, acessido a 28 de abril de 2015.

existem dois documentos oficiais sobre literacias (referencial da educação para os media² e referencial “Aprender com a Biblioteca Escolar³”), que podem constituir bons suportes para os conceitos de literacia da informação e dos media, pois já são documentos revistos, discutidos e até implementados.

Deveria evitar-se usar apenas a expressão “linguagens de programação”. Sugere-se o uso “iniciação às linguagens de programação” pois, sem a clarificação necessária, esta designação pode potenciar múltiplas interpretações. Seria mais apropriado referir “ambientes de programação” como uma aproximação às linguagens de programação ou à lógica de programação.

Quando se refere “No que se relaciona com a programação de computadores podem ser considerados, em síntese, os seguintes aspetos: Compreender, Criar, Motivar, Aprender. Não se percebe porque são denominados “aspetos”.

Nos “aspetos” constam exemplos pouco pedagógicos, como por exemplo, no “Compreender” surge a seguinte questão: “Quando falham de quem é a culpa?”. Consideramos não ser pertinente, nem avisado procurar identificar culpados, mas sim identificar o problema e formas de resolução. Também há exemplos pouco realistas e inadequados à faixa etária dos alunos para os quais se destina este projeto, uma vez que são alunos de 3º e 4º anos. Por exemplo, a referência a tecnologias que os mesmos não usam, quando há uma série delas que os mesmos usam diariamente ou, ainda, “As crianças devem perceber desde muito cedo o que implica trabalhar nesta área”. Não é objetivo desta iniciativa formar mão-de-obra especializada, mas trabalhar métodos de resolução de problemas e conceitos de lógica de forma motivadora”, eventualmente, poder-se-á referir que esta é também uma forma de conduzir os alunos a fazer as suas escolhas durante o percurso formativo de forma mais consciente.

A expressão “trabalhar em engenharia informática” requer reformulação, pois mistura o profissional/profissão com a área de trabalho. Sugere-se “trabalhar na área de informática” ou trabalhar como engenheiro(a) informático(a)”.

A síntese apresentada nas tabelas parece-nos pertinente, e precisa de ser explorada do ponto de vista didático na formação; Será, porventura aqui, que reside o valor potencial deste projecto e a consequente diferença entre o seu maior sucesso ou insucesso;

Em nosso entender, nos documentos orientadores, as “aplicações” e “linguagens”, seja o Scratch, o Kodu ou outra, não devem ser referidas como elementos centrais, mas deverão surgir a título de exemplo(s). Consideramos que o mais importante são os objetivos e as metas pedagógicas, por isso, este documento deverá ser tão isento quanto possível no que se refere a ambientes, linguagens ou *software*, para que se possa adaptar a diferentes aplicações escolhidas pelo professor com critérios pedagógicos ajustados a cada realidade e contexto.

Por fim, sugerimos que o referencial previsto seja submetido a apreciação de especialistas ou, até, a um período de discussão pública, a exemplo de outros elaborados anteriormente. Esse processo, à semelhança do que já aconteceu com outros, resultará na melhoria dos documentos, uma vez que seriam introduzidas outras perspetivas que com toda a certeza enriqueceriam os documentos e os tornariam mais robustos e holísticos, logo melhor recebidos por quem os irá utilizar.

Setúbal, 4 de maio de 2015

² Disponível em <http://dge.mec.pt/educacaocidadania/?s=directorio&pid=93>, acessado a 30 de abril de 2015

³ Disponível em http://www.rbe.min-edu.pt/np4/np4/?newsId=681&fileName=Aprender_com_a_biblioteca_escolar.pdf, acessado a 30 de abril de 2015